

TRÊS CONTOS DE EVANDO NASCIMENTOⁱ

1. CAÇA AO RAPOSO (Pequena fábula contemporânea)

Ele

Meu Deus, que fiz de maravilhoso pra merecer isso?! Como são lindas e abundantes, bem coloridas! Veja aquela ali, toda matizada em marrom e preto! E a outra pintadinha, e mais aquela branquinha de neve! Estou salivando como nunca... Fui criado em plena escassez, meus pais precisavam andar léguas pra encontrar um reles gato-do-mato. Depois que o leite da mãe secou, veio a penúria. Eles eram grandes caçadores, mas não havia muito o que capturar, passavam dias inteiros farejando sem sucesso. E agora, de chofre, essa beleza toda! Será que morri e caí no Jardim das Delícias, lá onde, segundo me contaram, a comida é farta? Só desejo uma coisa: matar minha fome, acumulada por semanas! Nem lembro a última vez que provei um bom petisco, hummm. Mal sei por onde começar, tá difícil, todas gordinhas, apetitosas, no ponto perfeito pra degustação, o dono as trata muito bem. Acho que vou pegar primeiro aquela pretinha, o sangue deve ser uma gostosura, a carne macia, só vão sobrar ossos & penas, mas de minha parte pena alguma. Uma festa! Vamos lá garotão, chegou sua hora e vez, o banquete está servido – ao ataque!

Ela

O que esse intruso está fazendo aqui?! Como conseguiu entrar sem que nosso guardião percebesse?! Quem deixou a porta de nossa residência aberta?! Já não bastam o sumiço de muitas de nós e o roubo de nossos ovos todos os dias, ainda aparece esse gaiato com garras e presas afiadas para nos devorar! Isso não pode ficar assim, precisamos reagir! Vamos lá, garotas, chegou nossa vez e hora! Vamos vingar todas as nossas avós, mães e irmãs comidas sem dó por esses peludos e seus parentes sanguíneos. Juntas formamos um batalhão, preparem os bicos como se fossem punhais – pra cima dele!

Ele

Céus, que barulho foi esse? Parece que trancaram a porta! Como farei agora pra sair? Se me descobrirem aqui amanhã de manhã, vou ser trucidado. Mesmo que só coma uma das garotas, e não todas, como pretendia meu enorme olho e minha pequena barriga, não me perdoarão. Preciso achar uma saída, mas antes disso, vou dar ao menos uma provadinha. Bem alimentado, poderei refletir melhor, não por acaso tenho fama de sabido, dizem que até virei sinônimo de esperto. De qualquer modo, não suporto mais a fissura, vou atacar qualquer uma, não discrimino cor, peso, altura, idade, todas dão uma ótima refeição! São umas belezinhas, e estou na flor da idade, o casamento perfeito... (*Pra que essas garras tão grandes? – É pra segurar melhor. Pra que olhos desse tamanho? – É pra ver melhor. Pra que esse nariz comprido? – É pra farejar melhor. Pra que esses dentes enormes? – É pra morder melhor, nhac!!!*) Mas o que está acontecendo, que comportamento é esse das donzelas? Onde está a famosa doçura, a mansidão sem par? Ai, ai, ai.

Ela

Isso, biquem à vontade, sem dó! Estraçalhem esse filho da mãe, conosco ninguém pode! Veio buscar lâ, saiu tosquiado – ou melhor, veio buscar penas, saiu depenado. Vingança, vingança, vingança! Vai lá, Dorinha, fure ele com vontade! Agora vocês duas, Marilda e Zazá, grandes maninhas! Todas juntas! Que belo espetáculo! É pra esse safado ver como a gente sofre – não bastassem esses patrões cruéis que nos assediam, ainda vem um oportunista... Me deixem experimentar um pouco. Tome, tome e tome! Bendita a luz que me permitiu ver esse dia! Eis o acontecimento que iluminará pra sempre nossa raça perseguida! Enfim, o exemplo de que precisávamos, agora é nunca mais recuar diante da força bruta! Tome, seu putó!!!

Ele

Meu Deus, que fiz de horrendo pra merecer isso? Caí foi no inferno, em vez do paraíso, estou perdido! Ai, ai, ai! Parem suas safadas, isso está errado, não foi assim que ensaiamos faz séculos, milênios talvez. Vocês estão desrespeitando o roteiro – está escrito, maktub, ajam de acordo com as leis sagradas, não inventem história. Ai, ai, ai, aiiiiiiiiiiiiiiii!!! Isso é crime contranatureza, vocês nasceram pra candura, parem, serão julgadas severamente pelo Pai eterno. Ai, ui, ahhhhhaaaaahhhhh.....

Ela

Podem parar, acabou, nem respira mais, o coração sucumbiu a nossos golpes. Vencemos!!! Pena não sermos carnívoras, daria um belo repasto. Nos devoram à vontade, mas nos repugna fazer o mesmo com esses tais. Que isto nos sirva de lição: de agora em diante nunca mais baixaremos as cabeças pra quem quer que seja! Precisamos somente aprender a lidar também com os outros, nossos grão-senhores. O caminho foi apontado. Nos exploram, obrigando a trabalhar 24 horas sem dormir, sequestram nossa prole, vendem nossa carne e até a plumagem vai parar em ritos macabros ou em desfile de carnaval – é muito sacrifício pra uma vida só! Chega! A revolução apenas começou, não tem volta! Em breve, todos os nossos inimigos estarão no papo! Unidas, seremos imbatíveis! Até aquele que nos cobre diariamente deve também ceder a nossos caprichos – ninguém manda mais em nós! Afinal, somos maioria e nunca tiramos proveito disso... É o começo do fim pra esses rufiões! Vitória doravante é nossa bandeira! Todas carregaremos esse único sobrenome: Dorinha Vitória, Marilda Vitória, Zazá Vitória...

2. A INTRUSA

No meio de tão poucas pessoas, numa cidadezinha do estado de Ohio, surgiu aquela coisita de cor em princípio indefinida. À medida que a pequena foi crescendo, o tom da pele escureceu, e viu-se que a menininha não tinha a brancura da cor local. As duas mães pesquisaram e descobriram que tinha sido uma falha do banco de esperma, o qual enviara o material de alguém “de cor”, *colored*, como dizem. Mas será que há homens “sem cor”? um dia ela se colocaria tal questão e tentaria encontrar, em vão, homens e mulheres transparentes, feitos quem sabe de âmbar, mas descobriria que âmbar era também uma cor, justamente cor de âmbar, como seus dentes.

Por enquanto, nada percebia, embora na escola maternal alguns de sua idade lhe apontassem o dedo e se afastassem como se tivesse um problema, uma falha visível, algum defeito notável de fabricação; somente um garotinho a tratava como igual, a despeito da *diferença*. Na rua, a história se repetia, quando a viam com as mães, algumas famílias se desviavam, espantadas por aquela intrusão, logo ali, um lugar pacato há mais de um século.

Foi então que a mãe biológica, junto com a outra, a simbólica, decidiu processar o banco de esperma pelo “erro” no envio, *a despeito de se tratar de uma criança saudável*, como declarou à imprensa. Ficou implícito nas declarações da matriarca: *a despeito de ser saudável*, o equívoco necessitava correção.

Mas ali, mesmo se as mães ganhassem o processo, ela jamais teria o máximo da liberdade, o que significaria ser vista com isenção – poderiam tolerá-la, porém *tolerância* é começo de arrepio, basta acrescentar o prefixo com sentido inverso. De modo que chegou para as mães o momento de indecisão, ficar ou partir, a comunidade branca de neve jamais a aceitaria, embora se chamasse Clara, ironias no destino de um nome, decerto atribuído por imprecisão.

Já fora difícil aceitar o casal, pois, ao menos se jamais demonstrassem afeto em público, dava para suportar, todavia aquele excesso de cor ultrapassava todas as medidas locais. E não adiantava dizer que era só uma menina, Clarinha, pois o que os olhos veem o coração maltrata, e a viam tal qual era

todo o tempo: um pedaço de carne “colorida”, como se branco também não fosse uma cor. Não se passaram dois anos, o grupo familiar foi tristemente embora dali, em busca de outro berço, novas luzes. O vilarejo se sentiu aliviado, enfim, do peso de tanta cor, e voltou a viver como se nada, ninguém, nunca. Embora a criança fosse a rigor mestiça, uma gota de sangue bastava para encarnar o “mal”.

Ficou para as que partiram, de cor, a lição: não há cor neutra, pode-se não perceber, mas o mal-estar se instala no vácuo de um olhar, de uma observação nefasta. O enorme risco para os nativos daquela terra seria, talvez, que a cor “diferente” atraísse mais outras e outras, espalhando-se por ruas, invadindo lares, campos e desvirtuando o bem-viver da alva comunidade. Afinal, todos sabem, no corpo, na terra, uma pequena mancha pode ser princípio de grande invasão. Melhor não arriscar, eliminando do mapa a pequena intrusa. Naquele lugarejo é seguro todo inverno nevar. Bastante.

3. VIGÍLIA

Sim ou não? Esta pergunta surgiu-me de chofre no sono profundo e acordou-me.

Graciliano Ramos, Insônia

A coisa começou ainda criança, talvez em torno dos quatro, cinco anos de idade. A família ia dormir cedo, por volta das dez da noite, no interior da Bahia, e ele permanecia acordado. Não chorava, não reclamava, mas eram horas de espera até vir o primeiro sono, que não durava mais de três, quatro horas; e lá por volta das cinco da manhã, às vezes antes, estava novamente desperto, sem nada poder fazer, pois a casa inteira dormia. Ouvia os galos cantando, os primeiros pássaros e o ruído de carros ao longe, imaginava histórias que se passavam entre fadas, assombrações e veículos automotores: uma mistura dos brinquedos que amava e das histórias que sua mãe e seu tio narravam, sobre terras distantes de Europas perdidas (ela) e sobre fantasmas, seres mitológicos e almas do outro mundo (ele). Gostava de ambas as narrativas, mas ficava com medo das segundas, o que só ajudava a tirar o sono, mas de qualquer modo mexia com a imaginação fértil e livre.

Nada naquele pequeno lar o coagia, nem mesmo a figura portentosa do pai, quase sempre ausente, envolvido com comércio e terras. Cresceu assim acostumado a uma coisa cujo nome em princípio desconhecia, e que mais tarde, porém, retornaria inúmeras vezes ao longo de sua vida, precisando transformá-la numa alquimia do verbo, para sobreviver: a insônia.

Quando se mudou para Salvador com a família, em meados dos anos 90, o mal inominável se agravou, passando a dormir exclusivamente três horas por noite. Depois que as luzes se apagavam em torno das onze horas, estava longe ainda de sentir vontade de adormecer, ver as horas passando tornou-se um vício, consumido durante anos, até que se deu o desfecho, mas nada de antecipar. Não gosto de atropelos.

Três horas depois de deitar, vinha aquela sensação agradável de um corpo que se esvai junto com a consciência; já compararam essa ausência de si com a

morte, mas esta, a morte, é a ausência absoluta, a viagem sem volta, enquanto o sono. Porém, bastava um ruído embora mínimo, uma recordação boa ou má do dia transcorrido, uma expectativa futura, positiva ou negativa, para que a atmosfera evanescente se desfizesse e ele voltasse à dura realidade *insonne*.

O problema é que aprendera a também amar o ato de dormir, quando isso acontecia era como se o corpo mergulhasse numa cascata revitalizante, uma chuva de fluidos e extratos maravilhosos, de onde saía no dia seguinte como recém-nascido, fonte noturna da juventude. Dizem que sono alimenta, então sua fome só fazia aumentar com o encurtamento das horas de repouso. Pior mesmo era não poder acender a luz, pois dormia com o irmão num ínfimo quarto, e na sala estava o primo cujo corpo, cujo peso. Não tinha nem um fone de ouvido para escutar Bach, seu compositor preferido, não havia como dar ocupação ao vazio de tudo. A única função permitida era esperar e preencher a lacuna do tempo com figuras da imaginação, a qual se voltava para as histórias do passado, remetendo a um imprevisível porvir. Ou então relembrava as histórias narradas nos serões familiares, o fabulário arcaico.

Temia por sua saúde, já lera em algumas pesquisas na biblioteca da escola que o sono é reparador e as pessoas que não dormem se expõem mais facilmente a infecções, por causa da baixa imunidade. Era tímido demais para falar do problema com os familiares, além disso tinha grandes complexos por se sentir portador de um mal raro, até onde sabia inexistente na família. Quem compreenderia que alguém saudável como ele quase não conseguia dormir, noite após noite?

Ainda quando residia com os irmãos na capital, já no final desse período, passou a dormir apenas duas horas, mesmo assim bem mal. Não sentia cansaço no dia seguinte, no máximo uma leve tontura que passava logo no correr da manhã, era como se todo ele fosse feito de matéria desperta, indisposta ao descanso. Ou então era a matéria escura dos físicos, que habitava a matéria visível de que era composto e lhe daria suporte vindouro para, digamos, a vigília absoluta. Pois foi o que aconteceu quando saiu de casa e foi para o Rio estudar ciências da computação, um ramo na época ainda longe do desenvolvimento atual.

Sempre gostou de máquinas, tirava excelentes notas em cálculo e tinha todo o tempo do mundo para aguardar enquanto os programas rodavam lentamente. No início dos anos 2000, se tornou um dos grandes astros do mundo digital, dava assistência a grandes corporações internacionais instaladas no Brasil, ganhava bem, e era relativamente feliz. *Relativamente* porque já não dormia, em absoluto. Não entendia como aquilo era possível, pois sabia que qualquer humano, depois de três dias ou mais sem dormir simplesmente sofre falência múltipla de órgãos. Há histórias de aves que atravessam continentes viajando dois, três dias sem nenhuma interrupção. Pois ele simplesmente superara os pássaros: a partir de certo momento passou a ficar todo o tempo desperto, noite e dia, as vinte e quatro horas de todas as sete jornadas da semana. Isso lhe dava um poder quase divino, pois superara toda a resistência mortal, era como uma ameoba que se agita do início até o fim, mas uma ameoba tem vida curta, enquanto ele... Por vezes dava um rápido cochilo, quase um piscar de olhos, depois despertava mais lúcido do que nunca.

Foi aí que decidiu se estabelecer por conta própria; mesmo ganhando muito dinheiro, não queria ser prestador oficial de nenhuma empresa, seu negócio agora era outro. Com a ajuda da potência insone, começou a desenvolver um sistema ultrassofisticado de invasão de sistemas. Conhecia muito bem a ciência dos hackers, porém até então preferira utilizá-la para proteger as corporações, sendo bem remunerado em troca. Com o tempo, considerou todos os dispositivos hackeadores completamente obsoletos para sua ambição. Motivo pelo qual passou dez anos, de 2005 a 2015, desenvolvendo um aparato de enorme complexidade e vivendo apenas de seus ganhos anteriores, confortavelmente.

Era celibatário por convicção. Embora bem apanhado e elegante, não namorava, sendo adepto do sexo casual que encontrava com fartura na internet, seu universo paralelo e, depois de certo tempo, praticamente exclusivo. As mulheres que encontrava sonhavam em tê-lo como amante regular, até mesmo marido, um ótimo partido, mas permanecia indiferente. Seus pensamentos seguiam apenas para o que designou como o Projeto.

O esforço de uma década foi ao final recompensado. O mecanismo desenvolvido era tão avançado que nenhuma das máquinas e programas à disposição no globo, do Oriente ao Ocidente, conseguiria detectar e se equiparar a algo semelhante. Tinha como que tangenciado o saber absoluto sobre o mundo digital e, por extensão, também sobre o mundo concreto. A partir dali, não havia sistema que não lhe fosse acessível, suas ações não tinham barreira, era capaz de decifrar o mais criptado dos códigos, as senhas mais abstrusas, os segredos mais invioláveis. Para ele, esta palavra já não tinha sentido algum, nem moral, nem prático, nem existencial: o sigilo.

Não apenas se tornou apto a invadir qualquer privacidade, empresarial ou pessoal, como dotou seu dispositivo do mais diabólico dos poderes, qual seja, a invisibilidade sem falha. Nunca deixava rastros, pistas, indício nenhum. Se ainda hoje alguém acreditasse no Demo, diria que ele era pactário, pois conseguiu o que nem Fausto sonhara, a capacidade de se imiscuir em qualquer ponto do planeta sem ser visto. Chegara de fato ao saber total, que só os deuses. Durante mais ou menos dois anos, utilizou o mecanismo infiltrador a seu bel prazer, coletando dados, vendendo informações sigilosas, fraudando transações para clientes selecionados. Ganhou enorme reputação em meio à máfia internacional, que reunia empresários e cafajestes profissionais, nenhum deles à altura do Sr. Inteligência Artificial, AI para os íntimos, como fora inicialmente apelidado por um dileto cliente. Com efeito, era e se sentia a personificação da Inteligência, natural e artificial, as duas finamente combinadas, como uma fórmula química de ponta: era um agente *desnatural*.

Passou a ser, nestes últimos anos que vivemos, uma espécie de guardião dos arquivos do mundo, tudo estava e continua a seu alcance, bastando uma ação de sua parte para muita coisa desaparecer para sempre. O mais enigmático é que ninguém o conhece; a CIA, o FBI e a Interpol, recorreram aos mais gabaritados peritos, em colaboração com agências de contraespionagem de diversos países, ninguém conseguiu identificar a fonte de tanta informação articulada (a inteligência, afinal, é somente isto: a capacidade de articular dados, desde o nível mais simples até o infinito).

Apenas sabem que ele existe, não é uma lenda do mundo digital, como muitos gostariam, é uma realidade, provavelmente encarnada num só indivíduo. Alguns chegaram a supor uma comunidade de hackers, atuando em consórcio feroz, ou então um bando de alienígenas com poderes de invisibilidade; essas são histórias fantasiosas, que uma parte da mídia adora veicular, para seduzir os néscios. Ele, o Sem-Nome, é real, como a lua, como a Via Láctea e todos os planetas, as dimensões e os universos ainda não descobertos.

O fato de ser desconhecido não impediu que, a partir de certo momento, todos sentíssemos o efeito de suas intervenções. Ao contrário, estamos mais do que nunca impregnados do *perfume* (utilizemos essa imagem sutil) de um guardião sem limites, aquele que vela nosso sono, acessa nossa correspondência sem permissão, lê nossos projetos e trabalhos como bem lhe apraz, detém as informações essenciais sobre qualquer cidadão, mendigo, empresário ou presidente. O Tal. Por tudo isso, já quiseram chamá-lo de potência divina ou mesmo simplesmente de Deus, os mesmos que no início o indigitavam, no escuro, como pactário. Realmente fez um grande pacto, com sua própria e sensível razão. Assim, toma conta de nossas vidas, pois tem consciência de que não sabemos cuidar dela, nos observando quando dormimos, fazemos amor ou damos pipoca aos macacos no zoo dominical.

Sente-se até mais próximo dos primatas do que de nós, por questões de afinidade instintiva, como bem diz. Talvez não passe de fantasmagoria onisciente. A verdade é que, se a ausência de sono lhe tirou a paz, em contrapartida deu-lhe o poder de total invenção. Já não tem contato físico com ninguém, recebe em casa tudo de que precisa para sobreviver, o dinheiro que ganha é depositado em conta secretíssima na Suíça – ao contrário de suas vítimas, sabe proteger o que é seu. Tornou-se rico e infinitamente poderoso, dizem que mora numa mansão da Gávea, cercado de cães e seguranças, mais uma lenda.

O fato é que não tem mais causa palpável, tornou-se um puro efeito, daí a invisibilidade. Seu próximo passo, o desafio que levará décadas a ser superado, é poder ler pensamentos e sonhos. Já encontrou o caminho para isso, falta refinar o projeto para decifrar a gramática do funcionamento mental e

o modo mais rápido de acessá-la sem machucar o indivíduo-alvo. E sem que este nada perceba. Tal como faz com os computadores e outras máquinas, invadindo-os sem deixar pista. Quando isso acontecer, poderá quem sabe interferir diretamente no rumo de nossas intenções, controlando nossos destinos e livrando-nos do Mal, como um bom Pai. Será convertido no Senhor absoluto do universo conhecido, até que, de tanto avançar o campo de sua atuação, acabe por se deparar com uma Força maior, caso exista. Somente então encontrará algum limite. (É apenas uma hipótese.)

ⁱ **Evando Nascimento** é escritor, ensaísta, professor universitário & artista visual. Publicou os livros de ficção *Retrato Desnatural*, *Cantos do Mundo* (finalista do Prêmio Portugal Telecom), ambos pela Record, *Cantos Profanos* (Globo), e *A Desordem das Inscrições* (*Contracantos*, 7Letras). Desenvolve atualmente um projeto ficcional, poético e visual em defesa das plantas e da vida: “Por um Pensamento Vegetal”. Ensinou na Universidade Federal de Juiz de Fora e na Université de Grenoble, França. Realizou cursos e palestras em diversas instituições nacionais e internacionais. **E-mail:** evandobn@uol.com.br